

Roteiros imprevisíveis na internet de um texto sobre cinema e currículos

Resumo: O uso das novas tecnologias permitiu mudar significativamente a circulação de informações e, também, a difusão de conhecimentos científicos. No entanto, percebemos como ainda é insuficiente o uso científico das redes. Apesar disto, o que ocorre nas relações entre os interessados em ciências, via redes, vem exercendo implicações diretas nas pesquisas no campo da educação, em especial na corrente que chamamos de “pesquisas nos/dos/com os cotidianos”. Nessa corrente, o estabelecimento dessas novas formas de produzir/criar/reconhecer/trocar conhecimentos e significações em redes educativas diversas tem permitido, de modo diversificado e complexo, alocar, apropriar, fazer circular e re-organizar mundos culturais diversos, bem como promover uma maior acessibilidade, difusão e trocas de criações de diferentes *praticantespensantes* dessas redes. A partir dessas ideias, vamos compreendendo, em nossas pesquisas, que as trocas científicas apresentam grandes possibilidades para pensarmos e praticarmos a “circulação científica” de conhecimentos e significações sobre escolas e currículos. As “conversas” entre os múltiplos e diversos *praticantespensantes* das inúmeras redes educativas são, então, percebidas como necessárias aos processos de pesquisa com os cotidianos. Pesquisando os modos como, na Internet, são divulgados e apropriados alguns textos escritos por pesquisadores desta corrente de pesquisa, vamos percebendo que as “conversações científicas” vão incluindo um grande número de interlocutores e, mais ainda, que a presença dos docentes nessas conversas, vem permitindo a compreensão de que a participação dos mesmos, por esta via, pode ser um potente meio de estimular o aparecimento de conhecimentos e significações a cerca dos processos curriculares escolares, nunca antes percebidos.

PALAVRAS-CHAVE: Redes educativas. Currículos em redes. “Praticantes-pensantes” da Educação. Circulação científica. Cinema. Internet.

Introdução

O projeto¹ que desenvolvemos, até bem pouco tempo, parte da compreensão de que questões que estão postas hoje nos currículos *praticadospensados*² nas escolas têm relações diversas e complexas com as múltiplas redes educativas que os docentes formam e nas quais são formados. Este projeto, em sua primeira fase, foi desenvolvido em cineclubes com professores em atividade e com estudantes de licenciaturas, em alguns municípios do Estado do Rio de Janeiro – Paracambi, Angra dos Reis, Nova Friburgo e Rio de Janeiro. Nesses encontros, fazíamos o registro em vídeo das “conversas” realizadas após a projeção do filme e, na semana

Alessandra Nunes Caldas
nunescaldas@hotmail.com
Izadora Agueda
izadoraagueda@yahoo.com.br
Nilda Alves
nildag.alves@gmail.com
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ);
Programa de Pós-graduação em Educação (ProPEd- www.proped.pro.br)
Laboratório Educação e Imagem
(www.lab-eduimagem.pro.br)

(1) O projeto – que tem como título “Redes educativas, fluxos culturais e trabalho docente – o caso do cinema, suas imagens e sons” – busca compreender o que estamos chamando “os mundos culturais dos docentes” e sua relação com os currículos *praticadospensados* nas escolas. Teve o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), entre março de 2012 e fevereiro de 2017. Indicamos alguns artigos que mostram os resultados dessa pesquisa: Alves e Arantes (2014); Alves e Andrade, (2014); Caldas, Rosa e Alves (2015); Alves, Arantes, Machado, Rosa, Caldas (2016); Alves, Caldas e Brandão (2016). Em março de 2017 iniciamos o projeto “Processos curriculares e movimentos migratórios: os modos como questões sociais se transformam em questões curriculares nas escolas” que, também, possui a formação de cineclubes como seu primeiro movimento.

(2) Temos trabalhado com a ideia que os termos que vimos dicotomizados pelas ciências na Modernidade precisam ser compreendidos em sua dependência uns aos outros, nos estudos com os cotidianos. Esses dois termos – *praticantespensantes* – quem propôs esta formulação foi Oliveira (2012), a partir da ideia de Certeau (1994) que os chama de “praticantes” e coerente com o pensamento deste autor que os vê criando *conhecimentossignificações*, permanentemente. Neste texto outros termos aparecerão assim grafados e estarão destacados em itálico.

(3) Atualmente, estamos utilizando uma página do Facebook, porque é muito mais ágil e conhecida por muitos

seguinte, desenvolvíamos um “chat” na plataforma Moodle,³ quando continuávamos, ampliando-as, as “conversas” iniciadas, na semana anterior. Estas últimas se dão porque, no projeto, entendemos que

osespaçostempos cibernéticos surgem não apenas como uma ferramenta, mas como possibilidade para se inventar outros modos de comunicação e diversas redes educativas que em muito diferem dos modos usados nas mídias clássicas - em seu interior todas as mensagens se tornam interativas. Isso vai indicando, de modo crescente, que os processos pedagógicos e curriculares desenvolvidos nas escolas, necessariamente, precisam ser compreendidos nas relações que mantêm com as tantas redes educativas em que seus *praticantespensantes* estão imersos. Esses acontecimentos, permitindo uma plasticidade diversa da então dominante quanto aos modos de transmitir e de *aprenderensinar*, mostram a possibilidade e a necessidade de metamorfoses imediatas e constantes, exigindo agilidades outras para quem conduz ou articula esses processos. (CALDAS, 2015, p. 22-23).

Os filmes escolhidos para projeção, nos cineclubes, têm relação com diversas questões sociais da contemporaneidade, presentes nos tantos *dentrofora* das escolas, tais como: diferenças/identidades raciais; diferenças/identidades de gênero; vivências urbanas e rurais; questões de trabalho e emprego; relações com as múltiplas mídias; redes educativas de formação de docentes; as políticas governamentais em suas relações com os cidadãos; os movimentos sociais em suas reivindicações por escolas e outros *espaçostempouseducativos*; práticas escolares e contemporaneidade.

Pela necessidade de trabalharmos com todas essas questões, os filmes precisaram ser de diversas nacionalidades, épocas e temáticas. Para que o leitor possa verificar a variedade dos mesmos, eis alguns dos filmes que “usamos” (CERTEAU, 1994) nos diversos cineclubes: *O pequeno Nicolau* (2010; direção: Laurent Tirard; França); *Valentin* (2003; direção: Alejandro Agresti; Argentina); *Besouro* (2009; direção: João Daniel Tikhomiroff; Brasil); *Testemunha de acusação* (1957; direção: Billy Wilder; Estados Unidos); *MonOncle* (1958; direção: Jacques Tati; França); *Suplício de uma alma* (1956, direção: Fritz Lang; Estados Unidos); *Ensaio de Orquestra* (1978; direção: Federico Fellini; Itália); *A Vila* (2004; direção: M. Night Shyamalan; Estados Unidos); *Cinema, aspirinas e urubus* (2004; direção: Marcelo Gomes; Brasil); *M – Vampiro de Dusseldorf* (1931;

direção: Fritz Lang; Alemanha); *Kiriku e a feiticeira* (1999; direção: Michel Ocelot; França); *Cinderela em Paris* (1957; direção: Stanley Donen; Estados Unidos); *180º* (2011; direção: Eduardo Vaisman; Brasil); *Mandela* (2007; direção: Bille August; Estados Unidos); *Casablanca* (1942; direção: Michael Curtiz; Estados Unidos); *O Artista* (2011; direção: Michel Hazanavicius; França); *Escritores da liberdade* (2007; direção: Richard LaGravenese; Estados Unidos); *Cinema Paradiso* (1988; direção: Giuseppe Tornatore; Itália); *Além da sala de aula* (2011; direção: Diretor: Jeff Bleckner; Estados Unidos); *O fabuloso destino de Amélie Poulain* (2001; direção: Jean-Pierre Jeunet; França); *Sonhos* (1990; direção: Akira Kurosawa; Japão); *Cantando na chuva* (1952; direção: Stanley Donen; Estados Unidos); *Ao mestre, com carinho* (1967; direção: James Clavell; Reino Unido); *O vento será tua herança* (1999; direção: Daniel Petrie; Estados Unidos); *Dia do pagamento* (1922; direção: Charles Chaplin; Estados Unidos); *Sorriso de Mona Lisa* (2003; direção: Mike Newell; Estados Unidos); *Luzes da Cidade* (1931; direção: Charles Chaplin; Estados Unidos); *O Homem Que Sabia Demais* (1956; direção: Alfred Hitchcock; Estados Unidos); *O grande desafio* (2007; direção: Denzel Washington; Estados Unidos); *La nave va* (1983; direção: Federico Fellini; Itália); *Ser e ter* (2002; direção: Nicolas Philibert; França); *Entre os muros da escola* (2008; direção: Laurent Cantet; França); *No* (2012; direção: Pablo Larrain; Chile); *Aldo Moro* (1986; direção: Giuseppe Ferrara; Itália); *Queimada* (1969; direção: Gillo Pontecorvo; Itália). Essa grande variedade de filmes permitiu “conversas e uma organização diversificada de modos de compreender as diferentes e complexas maneiras como docentes e discentes – futuros docentes – os trazem para os currículos que desenvolvem e que veem serem desenvolvidos, a partir das redes educativas, nos processos educativos de que participam e que realizam.

Sabemos, por pesquisas anteriormente desenvolvidas – por este grupo, bem como por outros em várias universidades brasileiras – com os cotidianos das redes educativas, que essas questões podem ser diferentemente tratadas, questionadas, interrogadas, incorporadas, ignoradas e mesmo negadas. No entanto, através dos *praticantes pensantes* dos cotidianos, que mantêm contatos diferenciados entre si nas tantas redes educativas que formam e nas quais se formam, vamos percebendo que negociações de diversos tipos são necessárias e estão presentes nelas, em processos diferenciados e complexos. Foram em processos próximos, que

(4) Este curso de extensão foi solicitado pela Prof^a Stela Guedes Caputo – depois da aposentadoria de Nilda Alves – a quem agradecemos imensamente o companheirismo que permitiu desenvolver o projeto como precisávamos. Atualmente, esta solicitação está sendo feita pela Prof^a Virginia Louzada, membro do grupo de pesquisa.

os pesquisadores e pesquisadoras nos/dos/com os cotidianos, se permitiram “inventar” (CERTEAU, 1994) modos novos para o que precisavam fazer e compreender.

Nos movimentos desenvolvidos na pesquisa, com as conversas travadas entre os *praticantespensantes* envolvidos, trabalhamos, assim, quanto aos aspectos teórico-epistemológicos em torno das ideias de: as tantas redes educativas que formavam e nas quais se formavam, permitindo estabelecer as múltiplas relações entre os tantos *dentroforadas* escolas e a tessitura de *conhecimentossignificações* em currículos o que nos permitiu compreender como encaminhavam os processos curriculares de que participavam. Quanto aos aspectos teórico-metodológicos trabalhamos com as narrativas, imagens e sons que surgiam nestas conversas como “personagens conceituais”, do modo como aprendemos com Deleuze e Guattari (1992), ou seja, como aqueles que “fazemos falar e perguntar por nós”, como esses autores indicam que o personagem “o Idiota” faz para Descartes, ou melhor, como Descartes faz com seu personagem “o Idiota”. Temos, assim, os personagens conceituais como o ‘outro’ que criamos e com que “conversamos” permanentemente, que nos vai colocando perguntas, que nos obriga a *pensarfazer* para permitir “caminhar” o pensamento e com o qual criamos *conhecimentossignificações* com tudo o que vamos acumulando, organizando e articulando ao desenvolver as pesquisas com os cotidianos. Em torno destas ideias, buscamos dar algumas contribuições às pesquisas nos/dos/com os cotidianos.

As condições para a reunião de professores e professoras – já em atividade ou em formação – foi possível porque a SR3 (Sub-Reitoria de Extensão) autorizou-nos a desenvolver cursos de extensão sob a forma de cineclube.⁴ Assim, todo o material reunido em torno das “conversas” desenvolvidas – registros em vídeos, trocas escritas nos *chats* textos lançados no Fórum da Plataforma Moodle – formaram o “corpus” da pesquisa, junto com os próprios filmes e o que apresentam: cenas marcantes em cada um deles; ideias que desenvolvem; diálogos registrados no desenrolar de cada filme; imagens mostradas; sons articulados à história ou questão tratada; músicas presentes na trilha sonora... Tudo isto considerado com: os sentimentos que despertamos que osveem/ouvem, a estética escolhida pelo seu diretor, as éticas expressas etc.

Podemos presenciar o quanto, ao longo de cada cineclube, seus participantes foram tendo mais interesse, mais vontade de pesquisar, de ler, de ver filmes, de poder aumentar seu campo de *conhecimentossignificações*, enriquecendo seu currículo. Assim, no grupo de pesquisa (“Currículos, redes educativas e imagens”), funcionando no LAB (Laboratório Educação e Imagem⁵) tivemos a oportunidade de desenvolver *conhecimentossignificações* relacionados às questões que discutíamos, devido aos livros que líamos e aos filmes que víamos e sobre os quais “conversávamos”. Neste processo, surgiram as questões que buscamos desenvolver nesse texto: como os textos que escrevemos acerca do que vamos *praticandopensando* na pesquisa atingem outros? Eles circulam dentro do campo da Educação, em especial quanto a currículos e cotidianos? Como o que escrevemos sobre o que vamos criando na pesquisa chega a outros pesquisadores e aos docentes em geral?

Assim, neste projeto, ao mesmo tempo em que buscávamos compreender, em “conversas” sobre os filmes, os “mundos culturais de docentes”, através dos “usos” que eles possam fazer do cinema nos processos curriculares, queríamos saber também se nessas “conversas”, através de textos que escrevíamos e publicávamos, outros entravam nelas e os modos como entravam. É nesta questão que focaremos o que vamos desenvolver neste artigo.

Queríamos ver se as ideias acerca do cinema– que apareciam, com grande interesse, nos *participantespensantes* dos cineclubes– apareceria em outros docentes e pesquisadores, já que antes escrevêramos:

[...] a escolha do cinema como polarizador de ‘conversas’ se deu tanto por interesse pessoal das pesquisadoras, como porque esse meio – que assumimos como arte – articula múltiplas possibilidades: é junção de imagens e sons; faz aparecer *espaçostempos* do viver humano em uma gama incomensurável, caracterizando inúmeras possibilidades, problematizações ou tensões às relações humanas; é, entre as artes, a que se coloca a meio caminho entre aquelas mais herméticas – e para as quais é preciso ‘chaves’ especiais de conhecimento [como a música dita erudita, por exemplo] – e as mais populares, como as músicas características de cada região, por exemplo; o acesso a filmes se dá através de inúmeros outros meios (televisão; vídeo; internet; templos religiosos; escolas; etc.), cujas redes de troca são ainda muito pouco conhecidas e que é preciso conhecer. (ALVES; ARANTES, 2014, p. 4, grifos do autor)

(6) Pedagogo francês que em inúmeras experiências pedagógicas que desenvolveu, registrou e pensou o que vivia, deixando-nos um importante e interessante legado *prácticoteórico*.

Nesse sentido, trabalhamos para que os filmes selecionados para a exibição nos cineclubes – como já indicamos – trouxessem diferentes temáticas com o intuito de desenvolver “conversas” que pudessem interessar a todos os participantes, uma vez que estão presentes nos tantos *dentrofora* das redes educativas de que participamos e, particularmente, nos tantos *dentrofora* das escolas. Os filmes não precisavam, necessariamente, estar ligados, de modo direto, à temática escolar, como já indicamos, mas apresentavam a incomensurável diversidade da junção de elementos visuais e sonoros, que proporcionam inúmeras possibilidades de se remeter a acontecimentos cotidianos, incluindo aqueles das escolas, com temáticas que “entram” nas escolas de diferentes modos. Alves e Arantes (2014) qualificam, assim, os contatos com filmes na produção de *conhecimentossignificações*, aproximando-nos do pensamento de Certeau (1994):

[...] é produção silenciosa, que permite interpretações diversas e múltiplas, dando-nos instantes perdidos e criação de memórias. O mundo do espectador é diferente do lugar do diretor do filme ou de cada um que participou da feitura do mesmo: atores/ atrizes, técnicos diversos, múltiplos diretores (de fotografia; dos efeitos sonoros) etc. (ALVES; ARANTES, 2014, p.7)

Isto porque, continuam essas autoras

Certeau nos ensina que uma imersão atenta nos cotidianos – em todos eles - com interesse de compreender os processos que neles se dão, para além da aparente sujeição das pessoas às lógicas e prescrições do mercado e das indústrias culturais, nos permite perceber que os *praticantespensantes* da cultura inventam, em suas operações de usuários desses produtos, tecnologias, outras lógicas e sentidos para o que lhes é posto para consumir, constituindo redes de *saberesfazeres*, solidariedades e indisciplina que potencializam suas vidas. (ALVES; ARANTES, 2014, p. 11, grifo do autor)

Por isso, nas próprias palavras de Certeau (1994), podemos ler que os *praticantespensantes* dos cotidianos são

[...] produtores desconhecidos, poetas de seus negócios, inventores de trilhas nas selvas da racionalidade funcionalista, os consumidores produzem uma coisa que se assemelha às ‘linhas de erre’ de que fala Deligny.⁶ Traçam ‘trajetórias

indeterminadas', aparentemente desprovidas de sentido por que não são coerentes com o espaço construído, escrito e pré-fabricado onde se movimentam. São frases imprevisíveis num lugar ordenado pelas técnicas organizadoras de sistemas. Embora tenham como material os vocabulários das línguas recebidas (o vocabulário da TV, o do jornal, o do supermercado ou das disposições urbanísticas) embora fiquem enquadradas por sintaxes prescritas (modos temporais dos horários, organizações paradigmáticas dos lugares, etc.), essas 'trilhas' continuam heterogêneas aos sistemas onde se infiltram e onde esboçam as astúcias de interesses e de desejos diferentes. (CERTEAU, 1994, p. 97, grifos do autor)

Desse modo, nas “conversas” em torno destes filmes apresentados, inúmeras vezes os membros da equipe da pesquisa foram surpreendidos por assuntos que não haviam sido pensados, anteriormente, quando foram elaborados os possíveis pontos de discussão. Esta dinâmica é bastante interessante, pois cada participante traz opiniões específicas intimamente ligadas às suas experiências pessoais, com as suas redes educativas e de acordo com sua vivência cotidiana, proporcionando assim trocas riquíssimas não somente entre o grupo de docentes e discentes que frequenta o cineclube, mas também para a equipe da pesquisa que, no momento da escolha dos filmes a exibir, tem alguns pontos de discussão “pré-acordados” e se depara com olhares que divergem do esperado nas “conversas” após a exibição do filme. Esta dinâmica possibilita, ainda, práticas que se realizam por meio de “negociações”, como Martin-Barbero (2000) nomeou a esses processos, não na busca de um consenso, mas para gerar e ampliar as possíveis trocas de *conhecimentossignificações* já mencionados acima.

Sobre as “conversas” *on-line* e seu potencial formador

Antes de tentar responder as questões que desejamos ver discutidas aqui neste texto, vamos indicar que, no projeto, a ideia trabalhada é de que nos contatos com as partes envolvidas, sejam eles presenciais e *on-line*, se desenvolvam em “conversas”, tão utilizadas em nossa vida cotidiana e lócus central de desenrolar dos processos de pesquisa no projeto. São elas que nos permitem compreender e articular o que estamos chamando de “mundos culturais dos docentes”, buscando conhecer os diferenciados e

criativos modos de obter e transmitir *conhecimentossignificações* nos modos de uso e nas percepções que os professores têm do cinema, a partir de suas vivências em contextos culturais variados, nas relações com suas práticas curriculares. Nesse sentido, incorporamos que na pesquisa, como fazem outros pesquisadores,

[...] procuramos dialogar com a noção de que ninguém tem a mesma experiência (DEWEY, 2010) [e que], assim, ninguém se apropriaria dos atos de currículo da mesma forma que nós, uma vez que na pesquisa-formação cada um atribuirá um sentido singular à experiência experimentada. (SANTOS; WEBER, 2014: p.16)

Consideramos que nos cotidianos, o acesso a filmes se dá através de diversos meios (televisão; vídeos; internet; templos religiosos; escolas etc.). “Conversar”, por outro lado, em nossos cotidianos é, sempre, o mais importante modo de contato entre os seres humanos, para trocar ideias e desenvolver negociações de como agirem juntos. Por isto, em pesquisas com os cotidianos, entendemos que as “conversas” é um dos modos adequados para permitir novas expressividades sociais, cujas redes de trocas são ainda muito pouco conhecidas e que precisamos conhecer, pela sua importância na vida dos seres humanos. Estas relações estão de fato no âmago desta proposta: incitar os envolvidos na pesquisa a identificar e “conversar” sobre as distintas redes culturais em que estão mergulhados e que “marcam” os processos curriculares cotidianos.

Desse modo, se torna importante trazer à tona e valorizar relação entre os docentes com suas memórias e seus *conhecimentossignificações*, sobre o que fazem e percebem ser possível fazer, após a visualização de filmes, nos processos curriculares que desenvolvem e veem outros desenvolverem. Esse processo foi assim descrito por Alves (2001, p. 17) referindo-se a pesquisas que realizou:

[...] buscar entender, de maneira diferente do aprendido, as atividades do cotidiano escolar ou do cotidiano comum, exige que esteja disposta a ver além daquilo que outros já viram e muito mais: que seja capaz de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade buscando referências de sons, sendo capaz de engolir sentindo a variedade de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando os odores que a realidade coloca a cada ponto do caminho diário.

Relembramos, ainda, que, no projeto, partimos da ideia de que todos nós *participantespensantes* dos cotidianos formamos redes educativas e nelas nos formamos. Desse modo, as interações cotidianas entre os seres humanos se constituem a partir de múltiplas redes – redes econômicas, políticas e sociais, sendo todas “educativas” – e nas quais docentes e discentes participam, criando inúmeras redes de *conhecimentossignificações*.

Lembramos, outra vez que, as “conversas” que desenvolvíamos eram tanto presenciais quanto *on-line*, em chats. Estas têm o intuito de aumentar os *conhecimentossignificações* sobre os usos das trocas realizadas nas redes educativas pelos docentes, mas tem também, a ideia de contribuir com respostas ao que, hoje, no grupo, consideramos como uma necessidade central dos docentes: desenvolver “usos” e partilhar conteúdos entre muitos na Educação online. Como alguns, preferimos usar este termo, pois apesar da nomenclatura hegemônica ser a “Educação a Distância”, tentamos nos separar desta perspectiva de que a educação é a distância e por isso é solitária, fria e sem interação. Visa-se uma Educação *on-line*, na qual mesmo estando distante uns dos outros, a proposta é de interação e trocas – como percebemos existir em todas as redes educativas que pesquisamos. Nesse sentido, concordamos com Santos (2014, p. 125) quando escreve que

[...] a educação online não é simplesmente sinônimo de educação a distância. A educação online é uma modalidade de educação que pode ser vivenciada e exercitada tanto para potencializar situações de aprendizagem mediadas por encontros presenciais, a distância, caso os sujeitos do processo não possam ou não queiram se encontrar face a face; ou híbridos, quando os encontros presenciais podem ser combinados com encontros mediados por tecnologias telemáticas.

O uso das mídias e como elas são utilizadas foi bastante comentado. As mídias têm sido consumidas cada vez mais pelos *praticantespensantes* levando a que discutíssemos, nos chats sobre as produções a que elas remetem, bem como, as possíveis manipulações que podem surgir da grande exposição a que todos se submetem.⁷ Os artefatos tecnológicos vêm sendo ampliados e, cada vez mais, novas formas de “uso” (CERTEAU, 1994) das mídias vão permitindo fazer surgir novos *conhecimentossignificações*. Discutindo

(7) O momento político brasileiro tem mostrado isto, sem nenhuma dúvida. A este respeito ver Ferrazo, Soares e Alves (2016)

como esses processos ocorrem na *circulação científica*, Caldas e Alves (2014, p. 191-192, grifos do autor) afirmam:

[...] olhar para a Internet como uma rede de trocas e como uma rede na qual inúmeros processos educativos ganham forma e 'acontecem' significa observar as articulações que ocorrem no seu interior, a partir de conexões formadas, de relações entre seus múltiplos e tão diferentes *praticantespensantes*, articulados por diferentes processos de mediação. Os modos de trocas nas redes, entendido sob uma perspectiva da sociabilidade humana, permitem colocar em evidência as trocas horizontais que fluem nas mais variadas direções, sem centros, sem começos ou fins determinados. Entendemos, ainda, que isto sempre aconteceu, mas que o aparecimento das mídias contemporâneas permitiu compreender melhor esses processos pela sua 'exacerbação', ou dito de outro modo, pelo aumento exponencial das trocas. Com a pesquisa em realização, vamos compreendendo que os *conhecimentos significações* produzidos pelas ciências não estão restritos às universidades, com seus laboratórios e equipes de pesquisa, mas mantém inúmeros contatos com a produção de *conhecimentos significações* que são [...] [criados] pelas múltiplas e diferentes trocas que incluem inúmeros *praticantespensantes*. Desse modo, vamos percebendo que os "mundos científicos" vão incluindo – quer queiramos ou não; quer consigamos percebê-lo ou não: as equipes de pesquisadores; os resultados de pesquisas; as 'crenças' científicas; os artigos publicados; as discussões em congressos; as aparições de *praticantespensantes* nas várias mídias, sejam eles pesquisadores ou não; mas também, aqueles que os vêem, lêem, discutem, respondem em escritos diversos e republicam em mídias específicas.

Nas escolas, por outro lado, é cada vez mais comum os estudantes e os docentes terem artefatos tecnológicos, o que vem dando aos processos curriculares e pedagógicos acelerações em seus movimentos que precisam ser conhecidos, estudados e pensados. A incorporação às aulas de todos esses recursos disponíveis, em seus processos curriculares, vem possibilitando a diversificação. Desse modo, o campo das pesquisas em Educação, incorporando essas ideias, necessariamente, vem precisando compreenderas tantas diferenças existentes entre seus *praticantespensantes*, para melhor trabalhar com elas.

Esses percursos durante a pesquisa realizada nos permitiu buscar os caminhos da internet, dentro da ideia de Educação online, que as ideias nela surgidas e publicadas em artigos seguiam

Roteiros imprevisíveis: possíveis e necessários contatos entre os “praticantespensantes”

No decorrer dessa pesquisa, a cada passo que demos nos caminhos que escolhemos trilhar, em nossas “conversas” e na busca de compreensão das trocas pela internet, surgem as questões que nos possibilitaram pensar a importância dos modos de comunicação, como conversação, tradução e negociação, daquilo que produzimos entre todos aqueles envolvidos na Educação. Sabendo disso, é preciso reconhecer, no entanto, que ouvir falar sobre essas questões e sobre elas “conversar”, com tudo o que pode trazer, será uma maneira de formar professoras – e pesquisadores interessados nas questões *praticoteóricas* da Educação e seus cotidianos – no contexto do que é necessário às situações práticas que vão/vamos enfrentar. Viver isso, junto, em uma situação de grupo, significa melhor prepará-los e a nós mesmas para resolver o que vai se apresentar no futuro, na área de produção científica das “ciências sociais e humanas”, tanto quanto o que acontecerá nas *prácticas* curriculares.

Por isso mesmo, entendemos a necessidade de pesquisar os modos como a difusão de ideias científicas, no campo da Educação, em processos móveis de circulação, vêm se desenvolvendo, propiciando trocas permanentes entre os diversos “usuários” de redes educativas, nos cotidianos vividos. Para, além disso, as dificuldades sentidas nos *usos* de artefatos múltiplos contemporâneos, em que a maioria de nós se encontra, em especial os *praticantespensantes* docentes – de modo “dolorido”, para muitos – exige que incorporemos seu *uso* em processos de pesquisa e que possamos analisar esses *usos* de modo a compreender suas dificuldades – ao lado da rapidez como se desenvolve entre estudantes e docentes – e facilitar sua incorporação, a partir do próprio ‘uso’ feito, com sua criação permanente de tecnologias cotidianas.

(8) Este texto foi produzido para o VI CIPA (Congresso de Pesquisa (Auto)Biográfica(CIPA), realizado em novembro/2014, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro(UERJ), pela Associação Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica.

Com isto concorda Santos (2014, p. 56) quando afirma que

[...] a cibercultura vem promovendo novas possibilidades de socialização e aprendizagem mediadas pelo ciberespaço e, no caso específico da educação, pelos ambientes virtuais de aprendizagem. A cibercultura é a cultura contemporânea estruturada pelas tecnologias digitais. Não é uma utopia, é o presente; vivemos a cibercultura, seja como autores e atores incluídos no acesso e uso criativo das TICS, seja como excluídos digitais. A exclusão digital é um novo segmento da exclusão social mais ampla. Um desafio político!

Segundo, ainda, esta autora no ciberespaço os autores criam e socializam seus saberes de variadas formas, por meio de softwares, interfaces, hipertextos ou outras mídias. Para a autora, a apropriação desses recursos produz *conhecimentossignificações*. Por isto, ela vai afirmar que “neste sentido podemos nos apropriar desses recursos produzindo conhecimentos num processo de cocriação e autoria do mesmo.” (SANTOS, 2014, p. 28)

Desse modo, neste novo contexto, questionamos para dar continuidade no desenvolvimento da pesquisa que trazemos neste texto: se hoje a internet se configura como um dos mais importantes *espaçostempos* de circulação de informações e de propagação de crenças e valores, qual o seu impacto no pensamento e no comportamento dos indivíduos, principalmente dos docentes e discentes nas relações que mantêm, especialmente nos contatos com os textos que produzimos? Diante de redes de comunicação tão complexas que se caracterizam pela multiplicidade de signos, pela virtualidade e pela maleabilidade e plasticidade de informações e pela imensidade de conhecimentos e significações que espalham, como se dá a socialização das teorias científicas e as trocas? Quais suas implicações nos processos educativos?

Para responder a essas questões, buscamos os caminhos que trilham, na internet nossos artigos, usando o portal do Google. Neste artigo, vamos traçar estes caminhos usando um artigo de Alves (2014).⁸ A pesquisa foi feita nas páginas em português do *Google*. Optamos por este site de busca por ser considerado um dos mais populares da rede, tendo, portanto, uma grande abrangência na circulação de informações, na socialização das teorias científicas e na criação e negociação de sentidos.

O material obtido mostrou de imediato que o texto já não estava mais vinculado só ao congresso para o qual foi feito, embora isto aparecesse nas páginas do Google algumas vezes, com o número de aparições se alterando continuamente, pois, muito rapidamente, como nos lembra Lévy (2007), a cada minuto novas informações são injetadas na rede. Os resultados a que chegávamos, a princípio, nos fizeram constatar o quanto este texto já tinha ganhado outros *espaçostempos* neste meio midiático.

O texto era veiculado na internet em diferentes *espaçostempos*, para além do site do congresso. Nós o encontrávamos em sites: de universidades, revistas, jornais eletrônicos, entre outros. A diversidade dos sites e o conteúdo das mensagens nos fizeram perceber que o artigo foi debatido na internet a partir de uma multiplicidade de vozes: pesquisadores, intelectuais, professores e universitários, o que demonstrava que o texto tinha invadido a vida de diferentes pessoas que se autorizavam a falar a respeito, seja explicando seus postulados, seja citando-o em suas dissertações, teses e artigos científicos, seja buscando informações, seja indicando-o à leitura. Esta polifonia estava presente em uma diversidade de tipos de textos que organizavam e transmitiam as informações de forma diferenciada. Alguns traziam informações acerca da temática do congresso ligada ao texto, fundamentadas em pesquisas científicas ou estudos mais sistematizados, como, por exemplo, os artigos científicos e os capítulos de dissertações e teses; e outros que apenas traziam a indicação do texto para leitura de seus colegas ou estudantes, sem apresentarem comentários acerca deste referencial, tais como: links de interesse e referências bibliográficas. Indicaremos, somente à guisa de exemplo, algumas das referências encontradas, trazendo-as da própria página do servidor pesquisado. (Imagem 1).⁹

A busca pelo texto mostrou 30 páginas de citações e mostra que desde novembro de 2014, momento em que ocorreu o congresso e a publicação do artigo, o texto é citado em dissertações e teses de nossa universidade e também de outras universidades, em trabalhos apresentados em outros congressos da área, em artigos de revistas e jornais eletrônicos, com podemos ver a seguir.

(9) Verificar: <[revista entreideias, Salvador, v. 6, n. 1, p. 113-131, jan./jun. 2017 125](https://www.google.com.br/search?q=OS+MUNDO S+CULTURAI S+DE+DOCENTE. ALVES%2C+NILDA+2014.&oq= OS+MUNDOS+CULTURAI S+DE +DOCENTE. ALVES%2C++NILD A+2014.&aqs=chrome..69i57.404 147j0j7&sourceid=chrome&ie=U TF-8#q=OS+MUNDOS+CULTUR AI S+DE+DOCENTES.+ALVES,+N ILDA+2014>.></p></div><div data-bbox=)

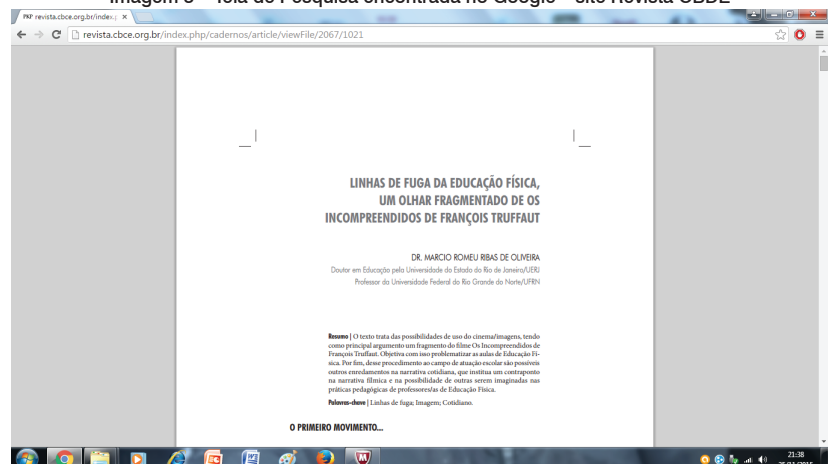
Imagem 2 – Tela de Pesquisa encontrada no Google – site do Jornal Eletrônico Monitor das Gerais



Fonte: Disponível em: <http://monitordasgerais.com.br/diversidade-midia-artes-e-praticas-educacionais-foram-temas-da-anped-sudeste-realizada-na-ufsj-vanufs/>

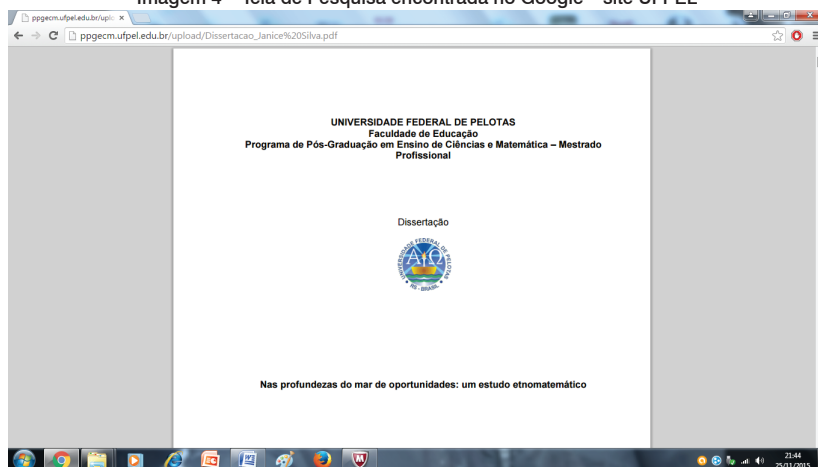
Mas, o Google nos apresentou páginas diversificadas. Nas primeiras citações aparece sempre o local onde o artigo está publicado; além dessa resposta já esperada o texto também é citado pelo próprio autor em outros artigos e também por autores da própria universidade, como, por exemplo, seus orientandos de mestrado ou doutorado ou pós-doutorado, mas também nos mostra que esse texto circula fora do próprio CIPA e da instituição do professor, em artigos de revista da área, em artigos de estudantes de outras universidades públicas e privadas em seminários e dissertações.

Imagem 3 – Tela de Pesquisa encontrada no Google – site Revista CBDE



Fonte: Disponível em: < <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/viewFile/2067/1021> >

Imagem 4 – Tela de Pesquisa encontrada no Google – site UFPEL



Fonte: Disponível em: http://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/ri/2678/5/Janice%20Rubira%20Silva_Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf

Em todas as buscas realizadas na internet, foram sempre grandes e diferenciadas as referências que encontramos. A internet com suas possibilidades de acesso e rapidez no uso permitiu que pudéssemos identificar com maior amplitude os usos que são feitos do que escrevemos e publicamos.

Essa busca que realizamos com este texto se deu também com inúmeros outros textos que poderiam ser aqui trazidos, mas entendemos que os leitores podem fazer, também sua busca pessoal, caso considerem interessante.

Entendemos que este “trabalho” se faz necessário e possível, no momento presente. Sempre nos questionávamos sobre “quem lê nossos artigos” e muitas respostas, pessimistas, diziam: “ninguém” ou “muito poucos”. O surgimento deste importante artefato cultural nos vem permitindo inverter essas respostas. Saber quem está “conversando” com nossos artigos e o que diz e como os usa o que, de modo significativo, nos permite avançar em nossos trabalhos de modos diferentes dos anteriores.

Considerando que os cotidianos são sempre complexos - o que não se traduz por completude - vamos percebendo que são “*espaçostempos*” onde tudo se entrecruza. Ao “*mergulhar com todos os sentidos*”, na dinâmica dessas redes cotidianas, aguçamos nossas sensibilidades e nos colocamos mais disponíveis para deixar aflorar as nossas capacidades de estranhamentos, escapando, ainda que um pouco, de uma incapacidade aprendida, que vonFoerster (1995), chama de “cegueira epistemológica”.

Tensionar o que Certeau (1994), chama de “olhar do alto” não significa superar a “cegueira”, porque sempre existirá outra, e sim refletir acerca das possibilidades de superações, que por práticas individuais e coletivas são capazes de burlar o instituído na busca por melhor compreender como é que as táticas e os usos de praticantes pensantes penetram de modos diferenciados nos espaçostempos do poder.

Acreditamos que a escolha por esses percursos com os cotidianos dessa rede que é a internet abre possibilidades de percebermos a variabilidade das práticas e teorias que surgem da circulação científica permitida por este artefato cultural e os movimentos de usos complexos e variados que se estabelecem e se criam nesses espaçostempos, nos permitem melhor compreender o que estamos criando com nossas pesquisas. Isto porque, entendemos que esses espaçostempos – tão humanos da Educação – exigem participação intensa de muitos para irmos além do que temos, na direção do necessário.

Mergulhar nesses percursos exige um intenso exercício de questionamentos das nossas certezas e um esforço para escapar das nossas necessidades de encontrar explicações para tudo e de julgamentos para todos e todas.

Ao assumirmos a metáfora das “redes”, ousamos duvidar de modelos generalizantes e de determinismos, “vimos de ponta cabeça” o pensamento da ciência moderna, não aceitamos mais as simplificações respaldadas em que “é preciso ver para crer”. Nessas lógicas complexas a passividade não nos aprisiona e, sempre inquietos, curiosos não queremos só ver, queremos sentir, tocar, cheirar, nos deixar afetar.

Concluindo...

Apostamos nesses percursos, trazidos pela internet, entre imagens, sons, vídeos e textos que propiciam um navegar caótico pelas ciências, capazes de lançá-las para fora das fixações dos *conhecimentos* significações hegemônicas, das culturas chamadas de erudite e dos currículos oficiais. Esses novos artefatos trazem a possibilidade de levar as ciências para além dos seus limites, das fixações identitárias, das lógicas de oposição e exclusão, da hegemonia, da ideia de funcionamento universal das ciências, em suas compartimentalizações, herdadas da Modernidade.

Consideramos os possíveis *espaçotempos* da Internet – sites, blogs, textos variados, imagens, sons – como dispositivos que deflagram interessantes possibilidades de *fazer pensar* o campo da Educação e explorar os conceitos de diferença, representação, formação e currículo, através das inúmeras ‘conversas’ que permite entre os seus tantos *praticantes pensantes*. Entendemos que para o campo da Educação e, em especial, para as pesquisas no/dos/com os cotidianos, esta *circulação* faz parte dos próprios processos de pesquisa, trazendo para as negociações necessárias as vozes de muitos seres humanos. Currículos e Educação interessam a muitos (todos?) e precisam interessar cada vez mais, incorporando parcelas até aqui ignoradas da população que está falando, mas que muitos não querem escutar. Esse tratamento que demos à Internet, com os dados com que trabalhamos, nos mostra que esta *circulação* já existe e que a nós, em pesquisas com os cotidianos, cabe articular e melhor compreender esses processos e a *circulação* que nela se faz, pois esses processos trazem questionamentos e modos de ver com os quais precisamos trabalhar em nossas pesquisas.

Nessa perspectiva, é possível relacionar o cinema, como todos os artefatos culturais, com os processos curriculares das escolas, obtendo valiosas articulações, entrelaçando todos diante de *espaçotempos* variados. Nesse sentido, confirmamos o que é dito por Santos (2014): *as estratégias de aprendizagem e os saberes emergem da troca e da partilha de sentidos de todos os envolvidos*.

Tours of unpredictable a text on movies and curriculum on the internet

Abstract: The use of new technologies allows significantly change the flow of information and also the dissemination of scientific knowledge. However, we realize how scientific use of networks is insufficient. Nevertheless, what happens in relations between stakeholders in science, via networks, has exerted direct implications for research in the field of education, especially in the current call ‘research in/of/with the everyday life’. In this current, setting the these new ways of producing/creating/recognize/exchange knowledge and meanings in various educational networks has allowed diversified and complex way, allocate appropriate, circulate and re-organize different cultural worlds, and to promote a greater accessibility, dissemination and exchange of creations from different “practicingthinking” these networks. From these ideas, let comprising, in our research, that scientific exchanges offer great possibilities for thinking and practice the “scientific circulation” of knowledge and meanings of schools and curriculum. The “conversations” between the multiple and diverse “practicingthinking” the numerous educational networks are then perceived as necessary to research processes with everyday life. Searching the ways on the Internet are disclosed and appropriate some texts

written by researchers of this research stream, we realize that the “scientific talks” will including a large number of stakeholders and, moreover, that the presence of teachers in these conversations, It has allowed the realization that their participation, in this way, can be a powerful means of stimulating the emergence of knowledge and meanings about the school curriculum processes, never before perceived.

KEYWORDS: Educational networks. Resumes in networks. “Practicing-thinking”. Education. Scientific Circulation. Movies. Internet.

Referências

ALVES, Nilda. *Redes educativas, fluxos culturais e trabalho docente – o caso do cinema, suas imagens e sons*. Rio de Janeiro: UERJ, 2012-2017. 2012. (Projeto de pesquisa; financiamento CNPq; FAPERJ; UERJ).

ALVES, Nilda.. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. (Org.) *A pesquisa no/do cotidiano: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p.13-38.

ALVES, Nilda.. Os mundos culturais dos docentes. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; BALASSIANO, Ana Luiza Grilo; OLIVEIRA, Ana-Marie Milon. *Escritas de si, resistência e empoderamento*. Curitiba: Ed CRV, 2014. p. 203 – 214.

ALVES, Nilda; ARANTES, Érika. *Mundos culturais de docentes - experiências a partir do cinema, suas imagens e sons*, 2014.

Disponível em: <<http://iice.institutos.filo.uba.ar/sites/iice.institutos.filo.uba.ar/files/Arantes%20Erika%20y%20Alves%20Nilda.pdf>> . Acesso em: 12 jan.2014.

ALVES, Nilda; ANDRADE, Nivea Maria (Org.). *Sonhos de escola*. Conversas com Kurosawa. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2014.

ALVES, Nilda et al. Questões curriculares e a possibilidade de sua discussão em cineclubes com professores: a questão religiosa na escola pública. *Revista Visualidades*. Dossiê: Encontros com Imagens, Pesquisa e Educação, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 18-37, 2016.

ALVES, Nilda; CALDAS, Alessandra Nunes; BRANDÃO, Rebeca. Filmes - imagens e sons - como memória afetiva de docentes. *Quaestio: Revista de Estudos de Educação*. Sorocaba, , v. 18, n. 1, p. 1001-115, 2016.

CALDAS, Alessandra da Costa Barbosa Nunes. *Circulação de ideias em pesquisas com os cotidianos - os necessários contatos entre os 'praticantespensantes' de currículos*. 2015. 170 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

CALDAS, Alessandra Nunes e ALVES, Nilda. Circulação de idéias em pesquisas com os cotidianos: contatos entre os *praticantespensantes* de currículos na Internet. *Revista Teias*. Rio de Janeiro, v. 15, n. 39, p. 187-213, 2014.

- CALDAS, Alessandra Nunes; ROSA, Rebeca Brandão; ALVES, Nilda. Formação de professores com filmes: os clichês como formadores de docentes e indicadores dos múltiplos caminhos da centralização curricular. *Revista E-Curriculum*. São Paulo, v. 13, p.775-793, 2015. .
- CERTEAU, Michel de. *Invenção do cotidiano – as artes de fazer*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Os personagens conceituais. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 81-109.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo; SOARES, Maria da Conceição; ALVES, Nilda. Bases praticoteóricas das pesquisas com os cotidianos – Certeau em sua atualidade. *Currículo sem fronteiras*. Pelotas, v. 3, p. 455-466, dez. 2016.
- FOESTER, Heinz von. *Visión y conocimiento: disfunciones de segundo orden*. In Schinitman, Dora Fried. *Nuevos paradigmas, Cultura y subjetividad*. Buenos Aires: Paidós, 1995. p. 91 – 113.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2007.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos ‘pensados/praticados’ pelos ‘praticantes/pensantes’ dos cotidianos das escolas. In: Carlos Eduardo Ferraco e Janete Magalhães Carvalho (Org.). *Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades*. Petrópolis, RJ: DP et Alli, 2012. p. 47-70.
- SANTOS, Edméa. O. *Pesquisa-formação na cibercultura*. Santo Tirso/PT: Whitebooks, 2014.
- SANTOS, Edméa; WEBER, Aline. Diário online, cibercultura e pesquisa-formação multirreferencial. In: SANTOS, Edméa (Org.). *Diário online – dispositivo multirreferencial de pesquisa formação na cibercultura*. Santo Tirso, PT: Whitebooks, 2014. p. 13-31.

Submissão: 03/08/2016 Aceito: 10/06/2017